

Etnografia das memórias do trabalho e dos conflitos socioambientais na região do Vale do Rio dos Sinos: itinerários, paisagens e territorialidades¹

Ethnography of the labour memories and socio-environmental conflicts in the region of the Sinos River Valley: itineraries, landscapes and territorialities

Margarete Nunes*¹

Natália Lauana Escobar da Rosa¹**

Palavras-chave:
trabalho;
memória; conflitos
socioambientais;
paisagem urbana;
coleções etnográficas.

Resumo: O artigo trata do impacto ambiental provocado pela industrialização na região do Vale do Rio dos Sinos\RS, em especial na cidade de Novo Hamburgo; reflete sobre os itinerários de instalação da indústria coureiro-calçadista e os seus gestos de trabalho para as metamorfoses nas paisagens urbanas do Vale e suas respectivas territorialidades. Para o estudo das memórias do trabalho foram empregadas técnicas de montagem de coleções etnográficas em formato multimídia (textos, fotografias, vídeos e sons), com base na pesquisa em acervos de museus de instituições públicas e privadas, entrevistas não diretivas com trabalhadores e empresários das indústrias calçadistas e dos curtumes, além de leitura e consulta de obras de cronistas locais. Parte desse material compõe a escrita do artigo elucidando a tensa relação entre cidade e natureza ao longo dos anos no município, desde a ocupação urbana e os usos das matérias aquática e terrestre, aos conflitos socioambientais e às transformações das

1 Recebido em 30 de abril de 2024; aceito para publicação em 29 de maio de 2024.

*¹ Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (2009). Pesquisadora Associada do BIEV/UFRGS - Banco de Imagens e Efeitos Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Email: nunes.margarete@gmail.com.

**¹ Graduada em História pela Universidade Feevale (2023). Pesquisadora Associada do BIEV/UFRGS (Banco de Imagens e Efeitos Visuais) como bolsista de Apoio Técnico em Extensão no País - ATP nível B, com financiamento do CNPq. Email: nlauana@gmail.com.

paisagens urbanas.

Keywords:
Labour;
memory;
socio-environmental
conflicts;
urban landscape;
ethnographic collections.

Abstract: *The article approach the environmental impact caused by industrialization in the Sinos River Valley - RS, Brazil, especially in the city of Novo Hamburgo; It reflects on the installation itineraries of the leather-footwear industry and its work gestures towards the metamorphoses in the urban landscapes of the Valley and its respective territorialities. In order to study labour memories, techniques were used to assemble ethnographic collections in multimedia format (texts, photographs, videos and sounds), based on research in museum collections from public and private institutions, non-directive interviews with workers and businesspeople from footwear and tanning industries, as well as reading and consulting works by local chroniclers. Part of this material makes up the writing of the article, elucidating the tense relationship between city and nature over the years in the municipality, from urban occupation and the uses of aquatic and terrestrial materials, to socio-environmental conflicts and the transformations of urban landscapes.*

Introdução

Este artigo aborda a interseção dos temas da memória do trabalho e da memória ambiental da região do Vale do Rio dos Sinos², desde os gestos de ocupação territorial via itinerários terrestres e aquáticos dos seus primeiros moradores, à fundação das cidades e os impactos da urbanização e industrialização sobre as paisagens regionais. No caso deste artigo, em particular, centramos nas imagens fotográficas e iconográficas de coleções etnográficas do projeto *Crônicas do Vale dos Sinos*, organizadas no interior de um banco de dados digital hospedado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, [Documentários - Crônicas do Vale do Sinos \(ufrgs.br\)](http://Documentários - Crônicas do Vale do Sinos (ufrgs.br)) e que passarão a integrar as coleções do BIEV\UFRGS disponibilizadas no site <https://www.ufrgs.br/biev/>.

Abordamos o conceito de memória ambiental a partir de DEVOS (2007), segundo o qual o conceito expressa a experiência espaço-temporal de indivíduos/grupos que habitam um determinado território, ou seja, a memória ambiental, na sua manifestação individual ou coletiva, retém a rítmica espaço-temporal dos saberes e fazeres dos sujeitos na sua interação com o ambiente onde vivem, bem como é capaz de nos revelar

² O Vale do Rio dos Sinos é formado por 14 municípios de acordo com a divisão oficial das regiões do Estado pelos COREDES - Conselhos Regionais de Desenvolvimento do RS. Possui uma população de 1.441.487 habitantes (2021), distribuída numa área de 1.395,5 km². Dados disponibilizados pela FEEVRS - Fundação de Economia e Estatística. [Detalhe - COREDES - Perfil Socioeconômico - FEE \(arquivofee.rs.gov.br\)](http://Detalhe - COREDES - Perfil Socioeconômico - FEE (arquivofee.rs.gov.br)).

a forma como um determinado ecossistema reage a eles. Fundamentamos o conceito de paisagem tendo como pressuposto teórico o entendimento de Simmel (2009), para o qual a paisagem não se trata apenas de um conjunto de elementos naturais, mas é sobretudo um recorte subjetivo de uma totalidade que é a natureza. A paisagem para existir necessita que o olhar humano a anime.

Detemo-nos, especialmente, nos gestos de fundação das cidades de São Leopoldo e Novo Hamburgo, onde se ergueram as primeiras indústrias do couro e do calçado, bem como de artefatos de couro (bolsas, cintos etc.), acessórios e componentes para calçados (solados, fivelas, palmilhas etc.), que se alastraram, ao longo do século XX, para outras cidades do Vale como Portão, Estância Velha, Campo Bom, por exemplo.

Amparadas na etnografia da duração (ROCHA E ECKERT, 2013a) a fim de alcançarmos a compreensão dos arranjos espaço-temporais entre cidade e natureza, lançamos mão da técnica de montagem de coleções etnográficas para a organização de acervos de imagens fotográficas, audiovisuais, narrativas literárias e etnobiográficas realizadas com trabalhadores e empresários da indústria coureiro-calçadista, para posterior seleção e organização no interior de um banco de dados digitais sobre a memória ambiental no Vale dos Sinos. Das coleções etnográficas selecionamos algumas narrativas de texto e imagens que auxiliam na elaboração de uma espécie de arqueologia do trabalho, revelando o trajeto antropológico (DURAND, 1984) da constituição da paisagem urbana e a afirmação da matriz operário-industrial do Vale dos Sinos.

As imagens digitalizadas apresentadas no artigo são oriundas de acervos institucionais ou pessoais. Algumas são reproduções de antigas fotografias que informam sobre os cenários, as paisagens urbanas e suas transformações ao longo do tempo na região. No entanto, nem tudo a fotografia mostra, muitas vezes ela esconde, camufla, encobre aquilo que poderia ser primordial no entendimento de um discurso. Lima e Carvalho, ao discutirem a fotografia como prática de significação, ressaltam a importância da semiologia para as reflexões sobre a natureza da fotografia, pois “[...] se a imagem é um discurso, podemos pressupor que a literalidade da fotografia não é algo natural, mas cultural. Seu código precisa, portanto, ser apreendido” (LIMA e CARVALHO, 2011, p.43). As imagens provocam indagações sobre o porquê algumas coisas estão na fotografia e outras não.

Mauad (1996) nos lembra o quanto a fotografia acompanha as transformações das sociedades ao longo do tempo. Desde a sua descoberta até os dias de hoje ela segue produzindo narrativas e engendrando memórias, seja por meio dos antigos álbuns fotográficos ou por intermédio dos atuais *bytes* das imagens digitalizadas, cuja circulação é ampliada pela possibilidade de navegação via *internet* (MAUAD, 1996, p. 9).

As fotografias escolhidas para compor o mosaico, o arranjo imagético da etnografia da duração, tencionam levantar dúvidas, questionamentos e reflexões acerca dos códigos sociais, das mudanças e transformações das paisagens, dos personagens urbanos e suas trajetórias, das formas de sociabilidades, da superposição de tempos e da tensão permanente entre o tempo do mundo e o tempo vivido na composição da estética das cidades contemporâneas (ROCHA E ECKERT, 2013).

Da Feitoria do Linho Cânhamo à matriz operário-industrial

A colonização portuguesa na região do Vale dos Sinos, assim como em boa parte do Rio Grande do Sul, iniciou tardiamente, já no século XVIII, com a chegada de famílias portadoras de títulos de *sesmaria*. A edificação da Feitoria do Linho Cânhamo na região data de 1788, quando veio transferida do sul do Estado, mais especificamente de Canguçu. Com a instalação da Feitoria, homens e mulheres negros na condição de mão de obra escravizada vieram para a região produzir o linho e transformá-lo em cordas para as embarcações. Das populações indígenas, têm-se o registro da forte presença da etnia *kaingang* naquele contexto (NUNES, 2009).

No século XIX, a partir de 1824, começaram a chegar os primeiros imigrantes alemães à região, e este fluxo migratório vai se intensificar na segunda metade do século XIX, acompanhando as restrições gradativas impostas ao trabalho escravizado, até a sua extinção em 1888.

Sobre o incentivo da substituição da mão de obra escravizada por imigrantes europeus na sociedade brasileira, logo após a abolição da escravatura, Fausto aponta (1995, p.205):

[...] A solução alternativa consistiu na atração de mão-de-obra européia para vir trabalhar nas fazendas de café. Devemos nos perguntar, inicialmente, por que não se tentou transformar escravos em trabalhadores livres, ou porque não se incentivou a vinda de gente das áreas pobres no Nordeste. [...] A resposta à segunda pergunta tem a ver com a argumentação racista que ganhou a mentalidade dos círculos dirigentes do Império, a partir de autores europeus como Buckle e Gobineau. Eles não desvalorizavam apenas os escravos ou ex-escravos. Os mestiços nascidos ao longo da colonização portuguesa eram também considerados seres inferiores, e a única salvação para o Brasil consistiria em europeizá-lo o mais depressa possível.

A europeização apontada por Fausto (1995) dava seguimento à perspectiva colonialista que tinha como eixo a divisão racial do trabalho (QUIJANO, 2005). A dignificação do trabalho livre e assalariado passou a ser representada pela figura do imigrante europeu. Apesar do número expressivo de imigrantes portugueses e espanhóis que aportaram entre os anos de 1887 a 1930 no Brasil (FAUSTO, 1995, p.276), não foram esses os eleitos como símbolos dessa europeização, mas, sim, os imigrantes alemães e italianos, que representavam um outro modelo de branquidade. Desta representação foram excluídos todos os grupos étnico-raciais que haviam se relacionado diretamente com a servidão e a escravidão - indígenas, negros, mestiços, assim como os colonizadores europeus oriundos da Península Ibérica que, de certo modo, representavam a mistura e a mestiçagem.

No século XIX, no Brasil e no Rio Grande do Sul, despontaram as cidades modernas. No Vale dos Sinos, com a expansão das colônias alemãs se diversificou a economia local, o que possibilitou o surgimento de novas formas de trabalho. Novo

Hamburgo, chamado inicialmente de Hamburgo Velho ou *Hamburger Berg*, era um dos antigos distritos do município de São Leopoldo, onde se estabeleceram casas comerciais que deram origem à Vila. Margeando o Rio dos Sinos, Hamburgo Velho fazia parte da antiga estrada comercial e de tropas, importante ponto de passagem para aqueles que desciam a serra gaúcha em direção à capital do estado, Porto Alegre.

No povoado de Hamburgo Velho o caminho se dividia em dois, um dos percursos ligava a região à cidade de Porto Alegre, onde hoje é o sistema rodoviário da BR 116; o outro percurso seguia a oeste em direção à bacia do Rio Caí, território de instalação de casas comerciais que faziam o intercâmbio de mercadorias entre a serra e as demais colônias e entre os centros de produção agrícola e pastoril com a capital do estado.

Os temas da memória do trabalho e da memória ambiental, bem como os impactos sobre as paisagens dos gestos de ocupação territorial dos seus antigos moradores via itinerários terrestres e aquáticos, até sua fixação em determinados lugares, são apresentados por imagens que revelam as formas da vida urbana que iam se constituindo gradativamente sobre a paisagem do antigo vilarejo e pelas lembranças de alguns moradores, como as deste interlocutor, cujo pai foi proprietário de parte da área de terra onde se formou o antigo bairro África de Novo Hamburgo, assim denominado até a década de 1940.

‘[...] Por tradição oral né, que a gente foi sabendo, o meu pai contava que o pai dele saía com o avô né, que levava mantimentos lá pro Rio dos Sinos, de carreta de boi, saía aqui do Travessão de Dois Irmãos e levava mantimentos... lá pro Rio dos Sinos. Queria vender né, porque o porto, o porto era no Rio dos Sinos, onde se vendia, onde se fazia dinheiro, das coisas que o colono produzia. E, em geral, o que ele plantava ia pra Porto Alegre ou para outros lugares. E... Então, ele... Ele se lembra que passavam aqui em frente por essa rua, que é uma picada praticamente. Essa rua hoje tem o nome do meu pai (Germano Friedrich), aqui da esquina pra frente, indo pra colônia, e era uma estrada de carreta, só aqui, de animais, de cavalo, que passava, e que ele passava aqui. Os tropeiros vinham da fronteira. (O.F. Fundo de origem: Pesquisa *As Comunidades Negras do Vale e a Memória do Trabalho* 2010-2012)

A abertura das estradas e picadas³, a definição dos contornos da cidade com a ocupação urbana, não apenas provocaram modificações à antiga paisagem, mas depositaram nas formas de vida e de organização já existentes outros gestos de ocupação do território.

Nos primórdios das formas de ocupação territorial dos imigrantes alemães na região dos Sinos, havia moinhos de processamento de farinha de mandioca e de milho, como relatou na sequência o mesmo interlocutor:

³ Picadas eram caminhos feitos na mata pelos próprios colonos que geralmente se utilizavam de ferramentas rudimentares para a abertura das trilhas, como, por exemplo, o facão. As Picadas eram fundamentais para transportes de mercadorias entre as colônias alemãs e outras localidades do sul do Brasil.

A atafona, que era uma fábrica de fazer farinha de mandioca, então, o produto aqui né, principal, foi sempre a mandioca. Isso ainda me lembro bastante que havia roças sem que se fabricasse farinha, mas meu pai ainda fabricava, meu avô fabricava farinha de mandioca, até 1918, quando desativaram porque se tornou antieconômica. Talvez até porque já não havia uma mão de obra negra né, e exige muito, durante três ou quatro meses do ano, a mandioca ela amadurece em maio, por aí, que vai até agosto, então, nesse período de inverno é que se transforma, ela amadurece, cai as folhas e aí é que se arranca ela, tem que tá no ponto de que... Se transforma em farinha de mandioca”. (O.F. Fundo de origem: Pesquisa *As Comunidades Negras do Vale e a Memória do Trabalho/2010-2012*).

A chegada da luz elétrica, a construção das estradas de ferro e a presença de água em abundância na região deram impulso à produção e ao comércio de calçados e artefatos de couro no Vale dos Sinos. Após o ano de 1927, com Novo Hamburgo emancipado de São Leopoldo, a cidade intensificou a industrialização coureiro-calçadista. Pedro Adams Filho e Arthur Haas foram pioneiros na produção de artigos de couro para a capital.

Figura 1: Depósito de couros e artigos para calçados no bairro Hamburgo Velho. Ano: década de 1920.



Fonte: Coleção Memórias do Setor Coureiro Calçadista (2020-2021).

Fundo de Origem: Centro de Documentação e Memória da Universidade Feevale.

Os arroios e rios não eram importantes apenas para desaguar a produção da região via transporte fluvial, mas eram fundamentais para o beneficiamento do couro. Por causa disso, os curtumes eram construídos à margem dos arroios.

A abertura de estradas facilitou o transporte de mercadorias, permitindo o ir e vir de trabalhadores para as indústrias que surgiam gradativa e continuamente. A urbanização e industrialização crescentes, se por um lado ofereceram oportunidades de trabalho e ascensão social, por outro lado provocaram intensos impactos ambientais aos cursos d'água, à fauna e à flora da região, em virtude dos sucessivos desmatamentos e dos altos níveis de poluição das águas (ROCHA, NUNES E FIGUEIREDO, 2016).

Figura 2: Interior do Curtume Albino Momberger. Bairro: Vila Diehl.



Fonte: Coleção Memórias do Setor Coureiro Calçadista (2020-2021).

Fundo de Origem: Centro de Documentação e Memória Universidade Feevale.

Da Memória do Trabalho

A presença dos alemães e seus descendentes no interior das paisagens de vales, rios e morros vai progressivamente se distanciando dos gestos anteriores de ocupação territorial na região do Vale dos Sinos, alimentando o imaginário dos mitos histórico e progressista da imigração e/ou recolonização sob a égide do braço alemão, conforme se vê na obra do naturalista francês, Arsène Isabelle (2006, p. 251-2), quando da sua passagem pela região, em 1834:

Pensamos estar na Alemanha. Não pude deixar de experimentar, à vista dessa povoação europeia, um sentimento de admiração, pois fui imediatamente surpreendido pelo contraste que me ofereciam esses lugares cultivados com cuidado, esses caminhos abertos penosamente através das colinas, dos montes e das florestas, essas pequenas propriedades cercadas de fossos profundos ou sebes vivas, essa atividade dos agricultores e operários, rivalizando, de modo invejável, pela prosperidade comum, com o abandono absoluto no qual os brasileiros deixam suas terras, o mau estado de seus caminhos, suas choupanas em ruínas, enfim, essa falta de indústria, esse espírito perdulário e destruidor que os caracteriza, assim como os argentinos. Minha admiração não foi menos ao ver, quase sob o trópico, uma nação das regiões polares conservando hábitos, seus costumes, sua vida ativa, e dando origem a uma geração que deve um dia mudar a face do país. (ISABELLE, 2006, p. 251/2)

As formas de exploração dos recursos naturais introduzidas pelos imigrantes alemães vão sendo paulatinamente valoradas como “superiores” quando comparadas aos usos anteriores feitos pelos colonizadores portugueses na região dos Sinos. Estas diferenças, por exemplo, das áreas destinadas às pastagens (restritas à região do Pampa gaúcho) foram também relatadas por Arsène Isabelle (2006, p. 252-3):

A maior parte dos colonos alemães são agricultores. É distribuída entre eles uma porção mais ou menos considerável de terreno, com a obrigação de sua parte de baterem os matos e de cultivarem o lugar que ocupavam. Se há pastagens em torno de suas propriedades, reservam parte para a criação de vacas e a fabricação de manteiga e queijo, que vendem facilmente em Porto Alegre.

Arsène Isabelle (2006) já anunciava, nos anos 30 do séc. XIX, a presença de alemães que se dedicavam a ofícios outros, seguramente embriões da matriz operário-industrial que vai se instalar mais tarde na região.

Outros alemães que possuem algum capital formaram estabelecimentos mais ou menos importantes, como curtumes, destilarias, serrarias, olarias e outras fabricações tais como a de farinha de mandioca e de açúcar, que já produzem um bom rendimento para a colônia, sem falar nos benefícios das relações comerciais que a sua atividade mantém com Porto Alegre. A terça-feira de cada semana é o dia marcado para levar a à capital os comestíveis e os produtos da indústria dessa pequena república (ISABELLE, 2006, p. 253).

Gradativamente, essas imagens e representações do trabalho alemão vão ganhando corpo e alimentando os mitos histórico e progressista de fundação e desenvolvimento das cidades brasileiras e latino-americanas, permitindo a edificação e ascensão da memória social de um “*mundo alemão*” no Vale (NUNES, 2009), revitalizado constantemente por ritos e celebrações coletivas. Essas discursividades encontram eco na divisão racial do trabalho imposta pelo processo colonizador da América, quando negros e indígenas eram associados à servidão e à escravidão, ao trabalho forçado e não pago, enquanto o branco europeu se vinculava ao trabalho dignificante, livre e/ou assalariado (QUIJANO, 2005).

Em nível local se reproduziu a distinção social e racial do trabalho estabelecida com o sistema-mundo capitalista colonial/moderno (QUIJANO e WALLERSTEIN, 1992). Isto “*acompanha o processo de descolonização do Brasil e sua adesão ao ideário moderno do trabalho livre, em contraposição ao trabalho escravizado*”(NUNES, ROCHA, FIGUEIREDO, 2019, p.174), ainda que nos primórdios da chegada dos teuto-germânicos no Vale dos Sinos algumas famílias não se furtassem de utilizar a mão de obra escravizada (NUNES, 2009).

Mas se tu fores na história, logo depois da imigração, aquela rua do lado de lá, que vai de São Leopoldo para Lomba Grande, era conhecida como a Picada dos Curtumes. Em cada casa, nos fundos, tinha um curtume, porque esses caras todos, eles tiveram na Alemanha, de alguma maneira eram artesãos e tiveram que fazer a vida. Então todo o nosso artesanato, toda a nossa habilidade manual, tudo que aqui se criou veio junto com esses imigrantes. Então a possibilidade de curtir couro, de fazer sapato, de ter confecções, de ter alfaiates, isso tudo veio no bojo da imigração alemã para cá. E tem coisas extremamente interessantes para contar, tenho que me lembrar depois das charqueadas, dos negros, que aí vem um treco importante. [...] Os alemães que aqui chegaram, além disso, não podiam ter escravos. Um germânico aqui não podia ter escravos, se burlou um pouco, algumas famílias mais abastadas já tinham depois os seus próprios escravos, era proibido, mas tinham. E dessa raiz cultural saíram as nossas indústrias. E nós tivemos uma indústria não só de couro e sapato, mas nós tivemos uma indústria bastante diversificada aqui. E houve um outro problema migratório da região quando as charqueadas começaram a ser extintas no Rio Grande do Sul todo, Pelotas, Rio Grande. As charqueadas eram baseadas em mão de obra negra e esses escravos ficaram escravos semi-libertos... Eles já eram, na época, já tinha sido abolida a escravatura, mas esses caras perderam os empregos. E eles como tinham a origem no campo, na lida de campo, no abate, na esfolagem, no trabalho com carne, eles acabaram vindo para o setor de couro, porque eram habituados ao trabalho com peso de um boi, peso de uma pele, o peso de uma paleta, eles tinham esse cacoete e isso trouxe uma migração de funcionários negros para o Vale do Rio dos Sinos atrás de emprego (Ex-empresário do couro, membro da AICSul-Associação das Indústrias de Curtume do RS- Fonte: Projeto *Etnografia Visual dos Curtumes do Vale do Rio dos Sinos-2013\2016*).

Figura 3: Curtume Albino Momberger e residência Momberger, rua General Osório, bairro Hamburgo Velho



Fonte: Coleção Memórias do Setor Coureiro Calçadista (2020-2021).

Fundo de Origem: Centro de Documentação e Memória Universidade Feevale.

Nossos interlocutores ligados às indústrias do couro ratificam o entendimento da importância da mão de obra negra nos primórdios da indústria de curtimento do Vale dos Sinos. O saber técnico da lida com os animais, com o abate e o aproveitamento do couro teria incrementado a migração dessa população, logo após a abolição da escravatura, para o Vale dos Sinos, e essa força de trabalho teria sido aproveitada largamente pelas curtidoras. “Assim, pode-se imaginar que os curtumes, responsáveis pelo mau cheiro que se espalhava por muitas áreas de Novo Hamburgo, contavam especialmente com os trabalhadores negros para as atividades de processamento do couro.” (NUNES et. al. 2013).

Começaram a surgir os curtumes em 40 e 50, que os alemães trouxeram para cá essa técnica de fabricar calçado e a curtição do couro veio da Europa. Aí eles precisavam muito de mão de obra não qualificada nos curtumes. Aquele que aguentava o cheiro na curtição vivia o dia todo no meio daquele fedor. Então, a discriminação continuou porque eles procuravam botar mais os pretinhos. (S.M. Ex-proprietário de curtume. Fonte Projeto de pesquisa *Etnografia Visual dos Curtumes do Vale dos Sinos* - 2013\2016).

A colonialidade do controle do trabalho (QUIJANO, 2005) explica a ascensão e perpetuação do mito do trabalho-livre atribuído à presença dos colonos alemães no sul do Brasil e “ao fato de o trabalho assalariado se concentrar quase que exclusivamente entre os brancos (sendo um de seus privilégios) em contraste com as formas de trabalho não assalariada, que permaneciam como um fenômeno restrito aos índios, negros e mestiços” (NUNES, ROCHA, FIGUEIREDO, 2019, p. 177).

Rocha e Eckert (2013a), quando propõem pensar o fenômeno urbano a partir do conceito de etnografia da duração, chamam a atenção para a diversificação dos modos de vida e das formas simbólicas que constituem o viver urbano. A configuração espacial

moderna, urbano-industrial das nossas cidades engloba tantas diversidades e alteridades, mas, ao mesmo tempo, é tributária dos mitos histórico e progressista desde o Ocidente. “A cidade, enfocada como território enraizador da pluralidade e heterogeneidade étnica, social e cultural humana guarda em si mesma uma dimensão patrimonial intangível, herança dos mitos de origem da Europa ocidental” (ROCHA e ECKERT, 2013a, p.160).

Há que se pensar que a matriz operário-industrial que se instalou no Vale dos Sinos, ainda que tenha sido embalada pelo mito do progresso e da modernização, foi visivelmente predatória tal qual os modelos anteriores de exploração dos recursos naturais, salvo algumas singularidades dos modelos constitutivos da matriz extrativista e da matriz agropastoril, marcados pela pilhagem colonial e a escravização humana.

No processo de pensar as camadas de tempo que organizam o mundo do trabalho no município de Novo Hamburgo, assim como pensar seus vínculos com a paisagem da região do Rio dos Sinos, torna-se relevante abordar o seu mito de fundação, ou seja, o de que a cidade de Novo Hamburgo nasceu oficialmente com os primórdios da industrialização (1927), fortalecida pelo tráfego ferroviário que a uniu à cidade de Porto Alegre (1876), considerando aqui os impactos ambientais de todas essas transformações.

As figuras 3 e 4 revelam não apenas a decalagem de tempo entre as imagens, mas as transformações da paisagem urbana da rua General Osório e, por consequência, do viver urbano em Novo Hamburgo neste intervalo de tempo. A figura 3, que retrata a Novo Hamburgo das primeiras décadas do século XX, mostra o antigo Curtume Momberger, que deu início às suas atividades em 1917, conforme a narrativa do descendente de um dos seus fundadores.

A vida do nosso curtume começou com meu avô. Ele veio de Dois Irmãos, em 1917, veio botar Curtume em Novo Hamburgo. Ele já tinha, com um parente dele, um curtume em Dois Irmãos, mas ele queria expandir. Ele sentiu que lá a coisa não ia adiante. Então ele disse para a mulher dele: vamos para Novo Hamburgo, vamos achar um terreno lá.[...] hoje o curtume não existe mais. Momberger não existe mais. [...] era lá na Vila Diehl, Kephass, por aqueles lados, lá era o Curtume Momberger. Ele começou aqui em Novo Hamburgo, na rua General Osório, pra baixo do Colégio Santa Catarina, onde está um posto de gasolina, ali que começou o Curtume. Meu avô que começou. Os pais, tios, então chegaram à conclusão que teria que sair. A cidade começou a crescer, crescer, e deu problema, então, com aqueles resíduos, tudo ia para os arroios, então se achou melhor sair da cidade e ele foi para fora (o curtume foi transferido para um bairro periférico). (S.M. Ex-proprietário de curtume. Fonte Projeto de pesquisa *Etnografia Visual dos Curtumes do Vale dos Sinos* - 2013\2016).

A figura 4 mostra a Novo Hamburgo do século XXI e os seus arranha-céus que desvelam o processo de verticalização da cidade por decorrência da expansão urbana e do crescimento demográfico.

Figura 4: Antiga localização do Curtume Albino Momberger, atual posto de gasolina. Ao lado, construção inativa da antiga residência do dono do Curtume, rua General Osório, bairro Hamburgo Velho. Ano: Maio de 2021.



Fonte: Coleção acervo pessoal dos projetos de pesquisa Estudo antropológico sobre colonialidade da natureza, memória ambiental e etnografia da duração no Vale dos Sinos/RS e Contos do Vale: trabalho, memória ambiental e territorialidades na Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos.RS/Brasil. (2020-2021).

Dos Conflitos socioambientais

O autor Leopoldo Petry, em obra publicada na década de 50, já sinalizava para os conflitos socioambientais dos primeiros anos do século XX, quando Hamburgo Velho ainda era distrito de São Leopoldo.

Com o desenvolvimento da cidade de Novo Hamburgo, começou a tornar-se escassa a água para uso doméstico, notadamente por causa das grandes quantidades gastas pelos curtumes e fornecidas pelas fortes vertentes, que brotam da encosta do morro, em que está situada Hamburgo Velho. Para atenuar a falta do indispensável líquido, foi iniciada, por particulares, já em 1912, a perfuração de poços artesianos. [...] Também a prefeitura mandou construir, nos anos de 1929 a 1931, vários desses poços, em diversas zonas residenciais...' (PETRY, 1959, p.114)

No Vale dos Sinos, assim como no Brasil, a sociedade urbano-industrial e de consumo vem acompanhada de problemas ambientais relacionados com a degradação dos recursos naturais. Nunes, Rocha e Figueiredo (2019, p.181) apontam que os conflitos socioambientais na região dos Sinos já eram expressivos nos anos de 1930, quando parte da população de Novo Hamburgo, por exemplo, já se manifestava contra o fedor que provinha das águas dos arroios em virtude do processo de curtimento e tratamento do couro. Naquele período, os curtumes situados nas áreas centrais da cidade, à beira dos arroios, já eram alvos de denúncias e queixas da população.

Figura 5: Arroio Luiz Rau em um formato de curvas com muros de contenção e vegetação ao longo da margem do arroio, próximo à ponte da rua Joaquim Nabuco. Ao fundo o curtume Jaeger (atual shopping). Bairro: Rio Branco, centro.



Fonte: Arquivo Público Municipal de Novo Hamburgo.
Fundo de Origem: Arquivo Público Municipal de Novo Hamburgo.

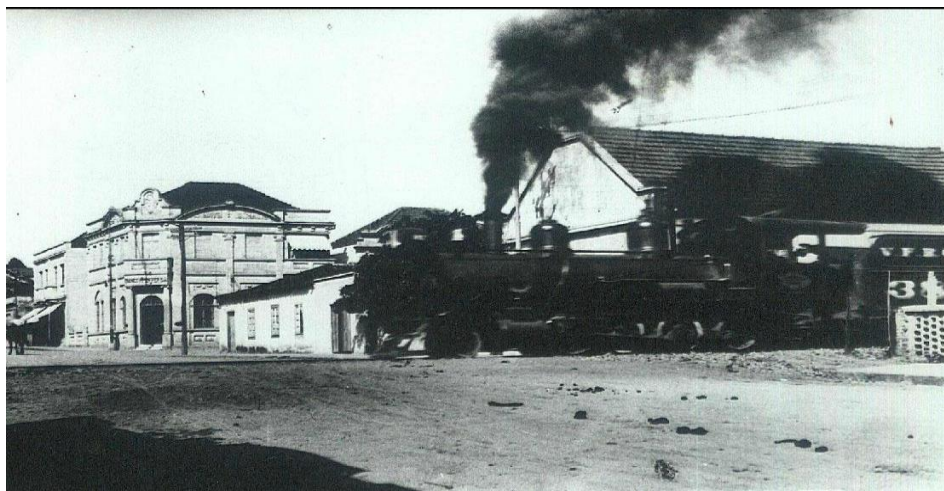
Os conflitos sociais decorrentes da implementação do projeto emancipatório de modernização de Novo Hamburgo - estradas de ferro, luz elétrica, fábricas e equipamentos, carros, bondes etc. - do início do século XX, estão conectados às formas de relação da comunidade urbana local com as paisagens do Vale dos Sinos.

Entre os anos de 1940/50 e 1960, no Brasil, ocorreram muitas transformações no mundo do trabalho, quando milhares de trabalhadores rurais migraram “*a caminho da cidade*” (DURHAM, 1984), impulsionados pela mecanização agrícola do campo e atraídos pela industrialização e urbanização crescentes.

No Rio Grande do Sul e no Vale dos Sinos, viu-se, então, o aumento dos arrabaldes, pois “[...] em cada pedacinho de rua surge uma fábrica, um palacete, um chalezinho ou sonho projetado noutro sonho. *Ora, direis, a cidade!*, diria Ercílio Rosa” (SELBACH, 2006, p. 70). Selbach dá vida às crônicas de Ercílio Rosa publicadas no *Jornal 5 de abril* de 1945 a 1962. O cronista é tratado pelo autor como o *flâneur* das transformações da vida urbana de Novo Hamburgo (SELBACH, 2006, 2009).

O flâneur sacoleja no vagão da “Maria-fumaça”. Seu destino é a estação de Novo Hamburgo. De onde veio não importa. Certo é que está pronto para mergulhar na cidade de tantas alcunhas: Industrial, Manchester Brasileira ou simplesmente Capital Nacional do Calçado. Ele sabe que a vocação burguesa para a atividade primeiro se expressou nos grandes projetos de construção física: moinhos, fábricas, pontes, canais, etc., e que, no século passado, a grande invenção que fez a força humana triunfar sobre a natureza foi a ferrovia. O cavalo de aço incendiou a imaginação dos que o viram pela primeira vez... “*arrastando sua enorme serpente emplumada de fumaça, à velocidade do vento, através de países e continentes, com suas obras de engenharia, estações e pontes formando um conjunto de construções que faziam as pirâmides do Egito e os Aquedutos Romanos e até mesmo a Grande Muralha da China empalidecerem de provincianismo*”. (SELBACH, 2006, p. 14).

Figura 6: Trem na rua Joaquim Nabuco. Ano:1950.



Fonte: Coleção Alceu Mário Feijó.

Fundo de Origem: Arquivo Público Municipal de Novo Hamburgo.

As *Pegadas urbanas* (SELBACH, 2006) de Novo Hamburgo não deixaram apenas rastros de progresso e desenvolvimento regional. Junto com a expansão das indústrias e a ampliação dos postos de trabalho vieram as ocupações irregulares dos morros e encostas, a contaminação das águas, a convivência diária com o odor fétido do curtimento do couro.

Com o crescimento urbano a partir de 60, as outrora vilas transformaram-se em bairros populosos. A cidade se expandiu e homogeneizou tudo. Novo Hamburgo, sentindo a necessidade de maiores espaços, asfixiou as encostas de morros e aterrou banhados necessários para a vazão natural do rio. Os bairros distantes do centro e próximos do Rio dos Sinos tornaram-se presas fáceis das chuvas. O desejo de progredir tornou-se maior que os obstáculos naturais. Entretanto, a natureza deu o troco à urbanização, com cheias e alagamentos constantes, mas isto somente na periferia (SELBACH, 2006, p. 72).

Diante dos conflitos socioambientais dos anos de 1950, cujos relatos trazem a imagem de uma cidade fétida e marcada pela presença de lixos e sarjetas entupidas nas vias públicas, inicia-se a defesa de uma cidade limpa, higienizada e “civilizada”. (SELBACH, 2006). A partir dos anos de 1960, a cidade cresce em direção aos terrenos vazios das áreas centrais e dos arrabaldes, leitos de arroios e encostas de morros.

Entre as consequências desse modo de ocupação urbana estão os alagamentos frequentes por decorrência das cheias do Rio dos Sinos e seus afluentes e os riscos de deslizamentos de terra nas regiões de morros. Além disso, a contaminação das águas por metais pesados oriundos de resíduos químicos das indústrias ganhou destaque nas mídias locais e nacional, em 2006, pela grande mortandade de peixes do Rio dos Sinos, evento que se repetiu em anos posteriores, ainda que não na mesma proporção. Por meio do documentário etnográfico, *Os Arroios Não Estão Errados* (ROCHA, 2013), é possível ter a dimensão do impacto ambiental dos resíduos sólidos ou químicos descartados nos leitos dos cursos d’água - córregos, arroios e rio - da bacia hidrográfica do Rio dos Sinos - inclusive, do esgoto doméstico por falta de saneamento básico, bem como da contaminação do solo devido ao descarte indevido de restos de couro e outros materiais da produção coureiro-calçadista ao longo das décadas.

Figura 7: Drenagem de arroio no governo do prefeito Alceu Mosmann (1969-1973). Ano:1970.



Fonte: Arquivo Público Municipal de Novo Hamburgo.

Fundo de Origem: Arquivo Público Municipal de Novo Hamburgo.

A expansão da cidade ocorreu de maneira proporcional ao aumento dos estabelecimentos industriais e da produção coureiro-calçadista que experimentou nas décadas de 1970 e 1980 um grande volume de exportação de sapatos. No período, cresceu também a demanda por mão de obra, quando muitos habitantes do interior do RS e de outros estados migraram para o Vale dos Sinos à procura de trabalho. Não se conhecia ainda a dimensão do impacto ambiental deste crescimento da matriz operário-industrial na região. As décadas de 1970 e 1980 foram as décadas de ouro da exportação do sapato.

O ímpeto da transformação não pode ser cerceado pela nostalgia fixa e imobilizante. A atitude correta é não só aspirar a mudança e estar apto a ela, mas persegui-la incessantemente e procurá-la ativamente, tal o único meio para sobreviver. E o cronista (Ercílio Luz) sabe disto: *“às vezes a gente lamenta a destruição de um barraco histórico ou de alguns barracões postados nas margens da cidade, mas acabamos por ver as cousas como si*

elas sempre tivessem sido assim, e acostumamo-nos com a evolução que o progresso compõe na sua marcha constante". Na destruição dos casarões históricos e habitações coloniais, reside uma atitude tipicamente moderna: derrubar as pontes com o passado, para que não haja possibilidades de retorno. Ele entende que o retorno ao passado, demasiadamente simples e pouco crítico, expressa uma nostalgia ou até uma mistificação. Mas os resquícios do passado, em muitas ocasiões, soçobram sua atitude progressista. (SELBACH, 2006:80)

Figura 8: Vista da praça do imigrante. Ano: década de 1970.



Fonte: Arquivo Público Municipal de Novo Hamburgo.

Fundo de Origem: Arquivo Público Municipal de Novo Hamburgo.

Segundo Rocha e Eckert (2013, p. 200), *“a paisagem do mundo urbano contemporâneo guarda as feições das estratégias de vida de seus habitantes, de seus sonhos e desejos”*, revelando, assim, as formas de sociabilidade, as segregações e desigualdades, os conflitos, os itinerários dos grupos, as emoções partilhadas, as lembranças e memórias, bem como os esquecimentos coletivos. Não por acaso, a memória do trabalho escravizado e das antigas atividades agrícolas desenvolvidas na região dos Sinos foram sendo apagadas para dar lugar às memórias das famílias alemãs, associadas à ascensão do trabalho livre e assalariado, ao crescimento da indústria e encobrendo as discriminações étnicas e raciais do mundo do trabalho.

Na década de 1990, aconteceu a crise econômica da indústria coureiro-calçadista na região, quando muitas empresas migraram para outros estados brasileiros e muitas outras faliram. Uma parte dos trabalhadores qualificados - profissionais que dominavam a técnica do trabalho com couro e o sapato, gerentes administrativos e planejadores empresariais - migrou para a China, que passou a sediar naquele momento o novo *cluster* do calçado em nível global. (KUHN JÚNIOR, NUNES, 2012). A antiga *Manchester brasileira*, capital nacional do calçado, assistiu nos anos 1990 um processo de desindustrialização, mantendo, todavia, algumas empresas de calçados focadas no mercado interno e empresas curtidoras especializadas no trabalho de acabamento do couro (NUNES, ROCHA, FIGUEIREDO, 2019).

Figura 9: Construções desativadas no bairro Rio Branco, Novo Hamburgo. Ano: Outubro de 2008.



Fonte: Coleção acervo pessoal do projeto Etnicidade e Globalização (2005-2008).

O debate em torno dos impactos ambientais na formação do mundo do trabalho em Novo Hamburgo, desde as origens das atividades da indústria coureiro-calçadista até os dias de hoje, é um fenômeno que continua sendo investigado por pesquisadores de diversas áreas do conhecimento. As tensões e conflitos, dilemas e contradições do mundo do trabalho industrial e seus modelos de acumulação (capital, riqueza), as políticas públicas urbanas (políticas ambientais), a avaliação dos riscos ambientais, o

biomonitoramento da qualidade da água, entre outros, seguem sendo eixos mobilizadores do debate científico (SIQUEIRA, KAYSER e PEDDE, 2016).

Extasiada com os ideais da modernização e do progresso, a comunidade urbana do Vale dos Sinos, ao longo do tempo, desconsiderou a importância da preservação das margens e das águas dos rios, arroios e riachos, assim como da biodiversidade ao redor, o que impactou severamente a qualidade dos recursos naturais da bacia hidrográfica do Rio dos Sinos. A estética urbana da Novo Hamburgo contemporânea com suas contradições e conflitos é herdeira dos gestos anteriores dos seus habitantes.

Figura 10: Vista aérea do centro da cidade de Novo Hamburgo com o trajeto do trem. Ano: 2013.



Fonte: Coleção Alceu Mário Feijó.

Fundo de Origem: Arquivo Público Municipal de Novo Hamburgo.

Considerações Finais

Sob os fundamentos da etnografia da duração (ROCHA E ECKERT, 2013a), apresentamos alguns aspectos do trajeto antropológico (DURAND, 1984) da matriz operário-industrial do Vale dos Sinos, compartilhando imagens narradas por nossos parceiros de pesquisa, imagens figurativas das coleções etnográficas, bem como imagens

evocadas pela leitura de outros autores de maneira a compor um cenário regional. Na condição de habitantes da cidade objeto da investigação e, ao mesmo tempo, pesquisadoras comprometidas com a escrita etnográfica, compartilhamos também nossas próprias imagens e experiências de viver a cidade, incorporando a figura do “antropólogo como narrador”, tal qual propõem Rocha e Eckert (2005).

Tomamos a cidade como objeto temporal (ROCHA E ECKERT, 2005), envolvida numa contínua e ininterrupta recomposição de um tempo coletivo que é também um tempo plural, marcado por continuidades e descontinuidades. Neste exercício, procuramos apontar não apenas a coerência e o *continuum* dos significados partilhados coletivamente, mas as rupturas e descontinuidades narradas pelos sujeitos da pesquisa. Assim, a cidade de Novo Hamburgo que despontou como a “Manchester brasileira” e “terra das oportunidades” foi também narrada pela lógica da crise, da decadência e dos conflitos socioambientais. Tencionamos mostrar neste artigo, por meio do apoio da narrativa imagética que incluiu o uso das fotografias digitalizadas, a sobreposição de tempos que engendra a estética urbana do Vale dos Sinos e as complexidades espaço-temporais da relação cidade e natureza.

Referências bibliográficas

- DEVOS, R. V. 2007. A Questão Ambiental Sob a Ótica da Antropologia dos Grupos Urbanos, nas Ilhas do Parque Estadual Delta do Jacuí, Bairro Arquipélago, Porto Alegre, RS 2007. Tese Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- DURAND, G. 1984. Les Structures Anthropologiques de l’imaginaire. Paris: Dunod.
- DURHAM, E. R. 1984. A Caminho da Cidade. São Paulo: Perspectiva.
- FAUSTO, B. 1995. História do Brasil. Ed. 2ª. São Paulo: EDUSP.
- ISABELLE, A. 2006. Viagem ao Rio da Prata e ao Rio Grande do Sul. V.61. Brasília: Conselho Editorial.
- KUHN JUNIOR, N.; NUNES, M F. 2012. The Role of the New Media in the Migratory Experiences of Brazilian Footwear Industry Workers in the South of China. Migraciones Internacionales, Tijuana, v. 6, n. 4, p. 47-74, Dec.
- LIMA, S. F. de; CARVALHO, V. C. de. 2011. Fotografias Usos Sociais e Historiográficos. In: PINSKY, C. B.; LUCA, T. R. de (orgs). O Historiador e Suas Fontes. 1 ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, p.29-60.
- MAUAD, A. M. 1996. Através da Imagem: Fotografia e História, Interfaces. Tempo, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-98, p.01-15.

- NUNES, M.F. 2009. O negro no “mundo alemão”: cidade, memória e ações afirmativas no tempo da globalização. Florianópolis. Tese. Doutorado em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina.
- NUNES, M.; ROCHA, A.L.C.; MAGALHÃES, M. L.; KUHN JUNIOR, N. 2013. “Era um hino de fábrica apitando”: a memória do trabalho negro na cidade de Novo Hamburgo (RS), Brasil», *Etnográfica*, Lisboa, v. 17 (2), 269-291.
- NUNES, M. F.; ROCHA, Ana L. C.; FIGUEIREDO, João A. S. Memória do trabalho e memória ambiental: as indústrias de curtumes do Vale do Rio dos Sinos/RS. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, 2019, vol.21, n.1, 01. jan. 2019, p.173-188.
- OS ARROIOS NÃO ESTÃO ERRADOS. Direção: Ana Luiza Carvalho da Rocha. Produção: Pátio Vazio, Instituto Anthropos/ANINQAS, IEGA- Feevale/ Subprojeto 5: Baisinos. Financiamento: FINEP, Cnpq. Novo Hamburgo, 2013. Disponível em: Os Arroios não estão errados: conflitos de usos das águas urbanas no Vale do Rio dos Sinos. (youtube.com). Acesso em: 28 de maio de 2024.
- PETRY, L. 1959. O Município de Novo Hamburgo: Monografia. 2ª ed. São Leopoldo: Rotermond.
- QUIJANO, A. 2005. Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org). *A Colonialidade do Saber: Eurocentrismo e Ciências Sociais. Perspectivas Latino Americanas*. Buenos Aires: CLACSO, p. 107-130.
- QUIJANO, A.; WALLERSTEIN, I. 1992. “Americanity as a Concept, or the Americas in the Modern World-System”. *International Social Science Journal*, 134, p. 549-557.
- ROCHA, A. L. C.; NUNES, M. F.FIGUEIREDO, J. A. S. 2016. Paisagens e Territorialidades da Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos: uma etnografia do trabalho e da memória ambiental. In: RODRIGUES, M.A.S.; KAYSER, A.C.; PEDDE, V. *Rio dos Sinos e Qualidade Ambiental*. Porto Alegre: Evangraf.
- ROCHA, A. L. C.; ECKERT, C. 2005. *O Tempo e a Cidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- ROCHA, A. L. C. da; ECKERT. 2013. *Antropologia da e na Cidade: Interpretações sobre as formas de vida urbana*. Porto Alegre: Marcavizual.
- ROCHA, A. L. C. da; ECKERT, C. 2013a. *Etnografia da Duração: Antropologias das memórias coletivas nas coleções etnográficas*. 1ª ed. Porto Alegre: Marcavizual.
- RODRIGUES, M.A.S.; KAYSER, A.C.; PEDDE, V. 2016. *Rio dos Sinos e Qualidade Ambiental*. Porto Alegre: Evangraf.
- SELBACH, J. F. 2006. *Pegadas Urbanas: Novo Hamburgo como palco do flâneur*. Cachoeira do Sul: Ed. Do Autor.

SELBACH, J. F. 2009. Cumplicidade e Traição: a Novo Hamburgo dos anos 40 e 50 na pena do cronista Ercílio Rosa. São Luis\MA: EDUFMA.

SIMMEL, G. 2009. A Filosofia da Paisagem. Covilhã: Lusosofia Press.